

## É da Sua Conta #19 - Carrefour e Pão de Açúcar: abusos em nome do lucro

Grazi	Oi, bem vindas e bem vindos ao É da sua conta, o podcast mensal da Tax Justice Network, Rede Internacional de Justiça Fiscal. Eu sou a Grazielle David.
Dani	E eu a Daniela Stefano. O É Da Sua Conta é um podcast sobre como reprogramar a economia para que ela não fique só nas mãos dos ricos e poderosos, mas sirva a todas as pessoas do planeta.
<b>Grazi</b>	Nesse episódio do É da Sua Conta: as manobras tributárias de Carrefour e Pão de Açúcar, desvendadas pelo livro Donos do Mercado.
Clair	eu estou gastando muito mais em supermercado hoje do que antes da pandemia. Estou cozinhando em casa, fazendo comida em casa. Como eu, muitas pessoas. Os supermercados estão faturando muito mais e pagando nada de impostos aqui.
Grazi	Nessa pandemia um dos poucos lugares que a maioria de nós que fazemos distanciamento social frequenta é o supermercado.
Dani	Certeza Grazielle, eu só saio de casa uma vez por semana e pra ir ao supermercado. Como eu tenho gastado mais com supermercado nesses tempos, é também ali onde estou pagando mais impostos sobre o consumo.  E a gente imagina que os supermercados estão tendo lucros extraordinários nesse cenário. E se eles estão tendo mais lucros, significa que também estão contribuindo mais com impostos para superar a crise, certo?
Grazi	Nãooo. Essas grandes redes de supermercados são multinacionais com operações que passam por paraísos ou abrigos fiscais e realizam uma série de manobras para tirar seus lucros dos países onde operam, e... não pagar tributos.
<b>Grazi</b>	“Donos do mercado” é um livro-reportagem que revela os detalhes dos abusos cometidos por Carrefour e Pão de Açúcar, junto a fornecedores, ao Fisco e Receita Federal, á justiça e a nós, consumidores.

	<p>Escrito por dois jornalistas do site O Joio e o Trigo e apresentadores do podcast Prato Cheio, o livro mostra como estas duas redes de supermercados se tornaram monopólios bilionários e poderosos, com o lucro agora na operação financeira e não mais nas prateleiras.</p>
<p>Dani</p>	<p>E deu um trabalhão para os autores, João Peres e Victor Matioli, checarem pilhas de documentos para mostrar no livro como brasileiras e brasileiros estão sendo passados pra trás.</p> <p>É que se eles sonegam impostos isso significa menos recursos para financiar a garantia dos nossos direitos. Isso é, menos dinheiro para pagar nossos profissionais de saúde no meio dessa pandemia de Covid-19.</p> <p>O Luciano Máximo conversou com o João e com o Victor sobre os principais desafios que tiveram para escrever esse livro.</p>
<p><b>Luciano, João e Victor</b></p>	<p><b>Luciano</b></p> <p>O livro trata das várias estratégias usadas pelo Carrefour e pelo Pão de Açúcar para aumentar seus ganhos financeiros e criar cenários de concorrência desleal. João, fale um pouquinho sobre como surgiu a ideia desse livro?</p> <p><b>João</b></p> <p>A gente é jornalista do Joio e o Trigo, projeto que se dedica a investigar a alimentação. A partir disso fomos entendendo um pouco como Carrefour e PA se tornaram donos do mercado.</p> <p><b>Luciano</b></p> <p>Victor, e o que vocês estão querendo mostrar para a sociedade com o livro?</p> <p><b>Victor</b></p> <p>Supermercados são empresas enormes, muito financeirizadas com o intuito principal de gerar lucro e apresentar resultados financeiros para os investidores e para isso elas fazem o que for preciso.</p> <p><b>Luciano</b></p> <p>A gente vai falar mais sobre essa financeirização dos supermercados e seus efeitos ao longo do podcast. Mas, agora, como a pandemia afetou o trabalho de vocês, João?</p> <p><b>João</b></p>

Quando chegou a pandemia, a gente já estava terminando a pesquisa, mas por outro lado a pandemia ajudou a gente a observar algumas situações em relação aos supermercados. Em todo o mundo as pessoas correram para os supermercados, então ficou evidente a desigualdade nos padrões de consumo porque enquanto as vendas online para os ricos cresceram muito, ao mesmo tempo foi enorme o fluxo nos atacarejos, lojas de atacado para pessoa física, e elas se transformaram em espaço especial de consumo de pobres e também espaço preferencial de transmissão do coronavírus. Ao mesmo tempo elas são um retrato da consolidação de um sistema alimentar muito problemático, porque só se encontra comida porcaria nesses lugares. Pra gente a pandemia ajudou muito a entender o tamanho desse problema.

**Luciano**

Quais foram os desafios em termos de transparência, para obter informações, Victor?

**Victor**

Esse foi o maior desafio. Essas empresas tem áreas de comunicação que não nos ajudaram nesse processo, então tivemos que buscar frentes próprias de investigação. Foram três estratégias. O primeiro, talvez o único aspecto positivo da financeirização, é que as empresas precisam prestar contas a seus acionistas, então precisam ser sinceros entre aspas. E nos documentos precisam falar de suas dívidas, fatores de risco do negócio, processos, tudo isso com nível de detalhamento que dá uma boa noção de como a empresa se estrutura. O segundo método foi entrevistando pessoas, funcionários, ex-funcionários e fornecedores. Muitas pessoas quiseram falar em OFF por receio de retaliação das empresas. O último método foi olhar para o momento em que as empresas entravam em choque com o governo. Então acessamos muitos processos trabalhistas, tributários, administrativos até. E isso nos ajudou a entender os métodos das empresas para aumentar os lucros.

**Luciano**

E se um consumidor/a resolvesse buscar informações sobre essas empresas, isso seria fácil ou complicado?

**João**

Com certeza seria muito difícil. É uma coisa para gente especializada. Mesmo jornalista tem muita dificuldade para cobrir esse tema. Se olhar investigações do Panamá Papers, por exemplo, elas envolvem dezenas,

	<p>às vezes centenas de jornalistas porque é muito difícil entender esse panorama.</p> <p><b>Luciano</b></p> <p>Qual foi o critério de divulgação das informações levantadas?</p> <p><b>Victor</b></p> <p>O que sempre baseou nossas decisões foi o interesse público. Como o Estado ajudou a consolidar as duas redes. Conseguimos informações importantes para entender a lógica de expansão dessas duas empresas. Pela lei, em teoria, uma empresa não pode controlar mais de 20% de um mercado, mas em algumas cidades, principalmente no Sudeste, os dois mercados dominavam mais de 50% de um mercado. E mesmo assim o Cade autorizava a compra de lojas melhores e redes avulsas com o argumento mais ou menos assim: “A gente já tem 50% do mercado e sem comprarmos uma rede pequena, vamos ter só 52%, isso não faz muita diferença.” O pior de tudo é que o Cade aceita esse tipo de argumento e autoriza a compra, mesmo isso significando uma concentração crescente.</p> <p>A gente também tentou focar nas informações que as empresas mais tentavam esconder como as taxas abusivas cobradas dos fornecedores, algo fundamental na nossa visão.</p> <p><b>Luciano</b></p> <p>A entrevista fica por aqui, mas ao longo do programa, o João Peres e o Victor Matioli voltam para dar mais exemplos de como Carrefour e Pão de Açúcar fazem para enganar a receita e lucrar ainda mais.</p>
Grazi	<p>Para aumentar os lucros, grandes supermercados costumam recorrer a diversos tipos de abusos.</p> <p>Como os autores descrevem no Donos do Mercado, fornecedores precisam pagar altas taxas aos supermercados para poder vender os alimentos que produzem.</p> <p>O Júlio Cesar Benedito, do Sítio A Boa Terra, passou por isso</p>
<b>Julio</b>	<p>nós começamos a entregar pro Pão de Açúcar em setembro de 2012 e tínhamos um planejamento com eles de fornecimento, toda semana, o número de bandejas e o acordo incluía uma taxa financeira de 15% no início funcionou tudo certinho e depois de alguns</p>

	<p>meses, esta taxa financeira passou pra 18%. até que , finalzinho de outubro de 2015, passaram que a taxa a partir de então deveria ser de 21% como o volume caiu bastante e o índice de devolução da mercadoria também aumentou, nós resolvemos parar com o Pão de Açúcar porque nesse momento se tornava inviável esse desconto financeiro, que eles chamavam de taxa administrativa financeira.</p>
Grazi	<p>A exploração do trabalho de Julio não é um caso isolado!</p> <p>O estudo da Oxfam “A hora de mudar” revela que, em vários países, essas redes multinacionais de supermercados estão ficando cada vez mais com os lucros gerados pelos produtos e alimentos. Já trabalhadores e produtores estão ficando com menos lucro.</p> <p>Gustavo Ferroni, coordenador na Oxfam Brasil, conta como funciona.</p>
Gustavo 1	<p>Há cerca de dois anos, em 2018, nós realizamos um estudo sobre 12 produtos que são comumente vendidos em supermercados americanos e europeus e que saem de países em desenvolvimento. O que a gente constatou é que os supermercados têm ficado com uma fatia cada vez maior do valor gerado por esses produtos. Enquanto os trabalhadores rurais e pequenos produtores têm ficado com uma fatia cada vez menor.</p>
Grazi	<p>Em Donos do Mercado, os autores mostram que se um produto está em oferta no mercado, possivelmente quem banca o desconto é o fornecedor.</p> <p>Para que essas explorações existam e o lucro seja tomado pelos supermercados multinacionais, o uso de abrigos fiscais é essencial.</p>
Dani	<p>Como os pequenos supermercados conseguem competir com Carrefour e Pão de Açúcar quando as grandes redes exploram fornecedores, agricultores e como se não bastasse, ainda enviam seus lucros a paraísos fiscais?</p> <p>Uma das estratégias para o envio de dinheiro para fora do Brasil - e se livrar dos impostos sobre lucros por aqui - é comprar serviços prestados por filiais que ficam no exterior a preços muito altos.</p> <p>O nome técnico disso é superfaturamento na importação.</p>

	É o caso de gastos com informática, como conta o João Peres:
<b>João</b>	a gente encontrou uma empresa chamada Carrefour Sistemas de Informação, uma empresa sediada na Europa e pra essa empresa por serviços de manutenção, operação e apoio com relação a um aplicativo de tecnologia o Carrefour remeteu a ela 160 milhões de reais entre 2016 e 2018, convertendo pra dólares, dá mais ou menos 50, 52 milhões de dólares então essa foi uma maneira que a gente viu nos documentos financeiros do Carrefour que se remete dinheiro para paraíso fiscal.
Clair	não é proibido por lei fazer essa triangulação. Mas eu entendo que é uma manipulação de preços. mas a legislação, os tribunais hoje entendem que que tudo que não é proibido pode fazer. é uma questão jurídica também.
<b>Dani</b>	Quem explica é Clair Hickman, auditora fiscal aposentada e diretora do Instituto de Justiça Fiscal.  O Fisco tenta ter alguns controles para essas práticas, como é o caso do preço de transferência entre uma filial e outra, mas segue sendo um desafio.
Clair	Pro fisco é muito difícil às vezes arbitrar ou definir qual é o preço parâmetro por que a legislação do preço de transferência ela trabalha no sentido de comparação de preços. Como por exemplo, se vai comparar uma prestação de serviço, de consultoria, de assistência técnica de uma empresa pra outro? Não tem como. Então elas colocam um valor elevado quando isso é despesa aqui, mandam esse dinheiro pra fora, supostamente pagando serviço que às vezes nem é prestado ou quando é prestado é super faturado pra reduzir o lucro aqui no Brasil.
<b>Dani</b>	Então eles fingem ter custos onde, na verdade, não têm e, com isso, levam seus lucros para locais onde não vão precisar pagar impostos por eles.
Dani	Países que figuram no topo dos índices corporativo de paraísos fiscais e de sigilo financeiro da Tax Justice Network sediam as subsidiárias do Carrefour e Pão de Açúcar, conta Victor Matioli
<b>Victor</b>	<b>Alguns dos principais países, como Suíça, Holanda, Singapura, Luxemburgo até o estado de Delaware, nos Estados Unidos, em todos esses lugares a gente</b>

	<p>conseguia identificar algumas das empresas de Carrefour e pão de açúcar. E a gente começou a observar quais eram as transações financeiras que eram feitas entre esses ramos das empresas, as empresas sediadas aqui no Brasil e as empresas sediadas nestes paraísos fiscais. Ao todo a gente chegou a conclusão de que entre 2016 e 2018, essas empresas brasileiras mandaram pra fora do país para destinos em paraísos fiscais cerca de 1,5 bilhão de reais, o que, transferindo pra cotação de dólar daria alguma coisa em torno de 400 ou 450 milhões de dólares</p>
Dani	<p>Wow, isso quer dizer que em dois anos, Carrefour e Pão de Açúcar transferiram para fora do país 450 milhões de dólares.</p> <p>Se isso tivesse sido tributado seriam 108 milhões de dólares para serem investidos em serviços públicos.</p>
Clair	<p>Acho que os autores foram muito felizes porque eles utilizaram uma metáfora que falaram na árvore: que as empresas são galhos das árvores e quando o país tributa só um galho então o lucro vai todo pra aquele país, pra aquele galho onde não tributa renda ou tributa muito pouco e a renda não fica no país que gera a riqueza para essa empresa. Então, quem é prejudicado com isso? são os governos locais, a população em geral.</p>
Dani	<p>E qual o motivo de os países seguirem permitindo estes abusos das multinacionais e não cobrarem os devidos impostos, Clair?</p>
Clair	<p>isso é um problema internacional a gente percebe que hoje em dia os governos são dominados pelo poder econômico, há uma certa captura da política pelo poder econômico e aí isso é uma questão política internacional e precisa ter um organismo internacional pra cuidar disso e ter uma política internacional de cooperação.</p>
Dani	<p>Mas há algo que o Brasil poderia fazer, independente de uma articulação internacional?</p>
Clair	<p>Tem algumas medidas que o país pode adotar: dificultar as operações com paraíso fiscais por exemplo. Criar medidas de taxar de forma elevada todas as negociações que são feitas com paraísos</p>

	<p>fiscais para desincentivar e desestimular esse tipo de operação com paraíso fiscal. É uma das medidas que o Instituto de Justiça Fiscal propôs inclusive naquele projeto de Reforma Tributária solidária.</p>
Grazi	<p>Os países também poderiam adotar uma tributação corporativa mínima.</p> <p>Essa medida seria a reversão do que ocorreu nos últimos anos quando cada país foi abaixando individualmente a tributação das empresas.</p> <p>Isso ficou conhecido como “corrida para o fundo do poço”. E se mostrou maléfico: não trouxe benefícios econômicos, e ainda trouxe malefícios sociais e ambientais.</p> <p>Agora deveria ter uma “corrida para o piso mínimo” de impostos corporativos.</p>
Grazi	<p>E as multinacionais se utilizam também de outras manobras para desviar e esconder seus lucros. Uma delas é ter estruturas bastante complexas, opacas, em que as filiais se emaranham e não se sabe quem opera com quem e quem é dono do quê.</p> <p>Não se conhece também quem seriam os beneficiários finais, as pessoas físicas para quem o dinheiro chega no fim, os que têm controle da empresa.</p> <p>Escuta o João Peres contando pra gente o que encontraram.</p>
João	<p>olhar o organograma destas empresas é um exercício super interessante porque são organogramas fluidos que mudam o tempo todo, a cada trimestre, a cada semestre, a cada ano vc vai encontrar diferenças. Tem um caso, por exemplo, que é bem interessante, assim, da Êxito, que é um braço latinoamericano do Casino, em algum momento ela comprou o Pão de Açúcar. Ela comprou uma operação muito maior do que a dela. E quando vc olha vc fala: Bom, o Casino tem a Êxito, a Êxito foi lá e comprou o Pão de Açúcar. Mas quando você passa a ver os detalhes e tem pelo menos uns 10 CNPJS, uns 10 registros empresariais envolvidos, vários deles em Paraísos Fiscais, tem Delaware, tem paraísos fiscais na Europa, Suíça, Luxemburgo e depois de um tempo a operação contrária é feita: o Pão de Açúcar passa a ser dono da Êxito de novo</p>



Grazi	<p>Esses organogramas complexos, fusões, incorporações entre filiais são muito utilizadas para esconder quem são as pessoas que lucram - os beneficiários finais. Normalmente milionários ou bilionários .</p> <p>Essa complexidade serve para enviar lucros da empresa para abrigos fiscais, não pagar imposto onde a atividade econômica de fato acontece, e também para realizar outras trapagens.</p>
João	<p>Korkula - o que acontece é que é criada uma empresa com um CNPJ que recebe um primeiro aporte milionário do Carrefour em país que é paraíso fiscal, a Holanda, e logo em seguida recebe outro aporte bilionário. Então uma empresa que não tinha nada, nenhum funcionário, da noite pro dia recebe coisa de 2 ou 3 bilhões de reais para fazer essa compra do Atacadão. Por que acontece isso? Na compra de uma empresa você pode realizar amortização do ágio. Que é o seguinte: se você espera ter um lucro com uma determinada empresa, vamos supor que hoje ela vale 5 reais, você paga 8 reais por ela, porque você espera ter um lucro de 3 reais ao longo dos anos. Então, ao longo de vários exercícios do imposto de renda, você vai amortizando esse ágio, essa diferença, você vai recebendo em créditos tributários federais essa diferença que você pagou e o que ela valia. O problema é que pra ter direito a isso é que precisa ser uma empresa brasileira. Então, o Carrefour da Holanda não poderia receber essa amortização do ágio, então é criada a Korkula e esse CNPJ é por onde se faz essa operação. E logo a Receita Federal se dá conta de que é uma operação problemática</p>
Grazi	<p>Mais um abuso tributário. O ágio nesse caso é o valor adicional que é pago sobre o valor da empresa comprada, de acordo com a expectativa de lucro futuro.</p> <p>Ocorre que existe a possibilidade de amortização do valor do ágio. Isso é, recuperar esse valor adicional pago quando for apurar o lucro real nos anos seguintes.</p> <p>Na prática isso permite que paguem menos imposto de renda pessoa jurídica e menos contribuição sobre o lucro líquido, nos anos seguintes.</p>
Vicotr	<p>A compra do Atacadão pelo Carrefour foi feita no ano de 2008 no total foram quase 3 bilhões de reais de autuação. mas essa história tá rolando até hoje e o Carrefour não desembolsou um centavo desses 3 bilhões de reais da multa”</p>

Grazi	A Receita Federal trabalhou bem, identificou a manobra, autuou a empresa, mas... no Judiciário, o processo avança em ritmo de tartaruga. E essa vagareza beneficia mais uma vez essas grandes corporações, segue contando o Vitor Matioli.
João	Essa empresa, se um dia ela precisar pagar esse processo, o que ela já ganhou ao longo desses anos no mercado financeiro, esse dinheiro já foi multiplicado muitas e muitas vezes. Isso cria uma desigualdade brutal em relação ao feirante, ao açougueiro, a padaria, o mercadinho da esquina...
Grazi	Enquanto as pequenas e média empresas contribuem com o pagamento de impostos, as grandes corporações não. Isso gera uma concorrência muito desleal.
Clair	eu estou gastando muito mais em supermercado hoje do que antes da pandemia. Estou cozinhando em casa, fazendo comida em casa. Como eu, muitas pessoas. Os supermercados estão faturando muito mais e pagando nada de impostos aqui. E sobra pra quem, sobra pro consumidor, acaba aumentando os impostos sobre consumo, que é o ICMS, PIS, COFINS, que onera todo mundo igual, independentemente da sua condição financeira ou capacidade contributiva.
Grazi	<p>Como bem disse a Clair Hickman, do Instituto de Justiça Fiscal, com preços de alimentos aumentando e as pessoas comprando mais produtos nos supermercados, é ali que consumidores estão pagando mais Imposto sobre a circulação de mercadorias e serviços, o ICMS.</p> <p>Enquanto isso... Carrefour e o Pão de Açúcar estão lucrando como nunca, mas são mestres em manobrar para não pagar impostos... além de possuírem dívidas enooormes de ICMS.</p>
Victor	Durante a apuração a gente percebeu que o ICMS, que é um imposto estadual era um dos mais problemáticos, um imposto que está presente em cada nota fiscal que é emitida num supermercado, ela inclusive vem sinalizada lá e por ser um tributo estadual, os supermercados têm que usar um sistema de compen sação porque os produtos saem de um estado e vão pra outro, enfim é uma burocracia que gera bastante confusão e gera muita fraude. É por isso que o ICMS é o imposto que é responsável pela maior parte das autuações que as duas grandes redes receberam da Receita Federal.06:15 Só pra vocês terem uma ideia, o grupo Pão de Açúcar tinha

	<p>até o final de 2019 7,3 bilhões de reais em multas de ICMS e o Carrefour 06:29 tinha 3,7 bilhões. Então se vc juntar tudo isso dá mais ou menos 11 bilhões de reais só relativos a esse imposto em autuações que as duas redes tinham. 06:42 Pra gente trazer isso um pouco pra realidade, esse valor, esses 11 bilhões de reais daria pra por exemplo, manter os orçamentos das 3 maiores universidades paulista, USP, Unesp e Unicamp durante todo o ano de 2019 e ainda sobraria mais ou menos uns 50 milhões de reais. 07:00 É muito, muito muito dinheiro 07:0</p>
Dani	<p>O Carrefour e o Pão de Açúcar descobriram que podiam ganhar mais dinheiro com os “atacarejos”, mercados sem luxo e de preços baixos como o Atacadão e o Assaí. Dos 11 milhões de dólares que o Carrefour lucrou no Brasil em 2019, quase 8 milhões vieram das lojas de atacarejo, mostra o livro Donos do Mercado.</p> <p>Mas a maneira mais fácil que os supermercados encontraram de lucrar é emitindo cartão de crédito.</p> <p>O nosso colunista, o jornalista Nick Shaxson, da Tax Justice Network, comenta os males da financeirização no setor de alimentação.</p>
Nick	<p>O setor financeiro está a entrar em todas as partes da indústria alimentar, desde agricultores a processadores, distribuidores, transportadores a retalhistas, todas das partes do sector da comida, da agricultura e comida. Tomemos a indústria do capital privado. Tomemos o que se chama private equity, que é na minha opinião uma das partes mais perigosas do sector financeiro. O private equity é um sector que originou nos EUA nos anos mais ou menos 1970 e o que estas pessoas fazem, estas pessoas muito ricos o que eles fazem é comprar empresas, em toda a economia, desde a agricultura ao turismo, construção, peças de aviões. Qualquer coisa, qualquer coisa em que se faça bom dinheiro. Por exemplo, uma empresa que uma empresa agricultura, uma empresa que sem explorações agrícolas, sem fazendas que estão a vender soja, galinhas ou alguma coisa. O que o private equity vai comprar esta companhia que tem estes 100 fazendas ou o que seja. eles farão então é olhar para todos os intervenientes dessa empresa, depois vão extrair dinheiro de todos estes stakeholders, estes intervenientes um por um. Por exemplo, um conjunto de partes interessadas desta companhia são naturalmente os trabalhadores. Assim, o private equity depois de comprar esta empresa vai abater os sindicatos, vão</p>

	<p>pagar salários mais baixos, vão invadir o pote de pensões, tudo isso, vão liberar muito dinheiro destas pessoas que vão sofrer e esta companhia vai liberar este dinheiro de pagar este dinheiro diretamente aos ricos proprietários de private equity. Outro conjunto de partes interessantes desta companhia é a administração fiscal. os impostos. Os donos do private equity decidem que esta empresa agrícola está a pagar demasiado em imposto. Eles vão criar uma estrutura num paraíso fiscal, tax havens, e esta estrutura vai ajudar a reduzir os impostos, então talvez vão reduzir os impostos para zero. Então tem outros interessados nessa companhia, por exemplo, outro grupo são os consumidores, esta empresa talvez está a ser demasiado gentil com os consumidores. Então os proprietários do private equity vão comprar todos os concorrentes desta empresa no mercado local, e vão construir um monopólio, e por exemplo começar a aumentar os preços. Vão liberar mais os preços, vão pagar este dinheiro para os proprietários. Ou talvez essa empresa ainda não contraiu dívidas suficientes. Assim, conseguem que a empresa agrícola contraia um empréstimo de, não sei, 100 milhões de dólares, por exemplo, - e depois, em vez de investir esses 100 milhões de dólares em nova maquinaria agrícola, por exemplo, vão pagar tudo estes 100 milhões de dólares ricos proprietários de private equity. Então essas quintas, estas fazendas vão ter agora de pagar os juros destes empréstimos e não vão ter as condições vão ser piores. É muito importante saber que não há nada de produtivo em todas estas actividades, estas de financial engineering: engenharia financeira, trata-se apenas de transferir riqueza para cima. Mas também, estes actores financeiros eles ficam muito ricos, e mais no processo, enfraquecem as empresas que compram, e enfraquecem a nação como um todo. É uma coisa que retira dinheiro, enfraquece a companhia e todos são muito ricos. Isto é uma coisa muito perigosa.</p>
Dani	<p>O Nick, na verdade, já falou sobre isso antes, no episódio 8 do É da Sua Conta, totalmente dedicado à maldição da financeirização. Ouça este episódio em <a href="http://www.edasuaconta.com">www.edasuaconta.com</a></p>
Grazi	<p>“Para a maior parte de nós, o supermercado é apenas um espaço de passagem. Um espaço onde não se está. Um lugar no qual entramos, nos servimos do que precisamos e seguimos a vida. Seguramente é assim que as corporações do setor querem ser vistas. Carrefour e Pão de Açúcar não pretendem rastejar pelo nosso afeto. Basta que não as odiemos”.</p>

<p>Grazi</p>	<p>Este foi um trecho da introdução do livro “Os Donos do Mercado”.</p> <p>E agora... depois de ouvir todas as manobras... abusos financeiros, trabalhistas, tributários... o que você sente?</p> <p>Para acabar com abusos tributários cometidos por multinacionais, temos falado sempre sobre três medidas essenciais defendidas pela Tax Justice Network:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>. Relatório país por país de atividades e lucros;</li> <li>. Tributação unitária das multinacionais;</li> <li>. Registro público de beneficiários finais.</li> </ul> <p>No site <a href="http://edasuaconta.com">edasuaconta.com</a> você encontra diversos episódios que explicam estas medidas.</p> <p>E para limitar os demais abusos, o Gustavo Ferroni da Oxfam Brasil, nos traz mais orientações importantes.</p>
<p><b>Gustavo</b></p>	<p>Desde 2010 a gente tem uma grande referência internacional que são os princípios orientadores da ONU para empresas e direitos humanos. Infelizmente, os maiores supermercados brasileiros, Carrefour, Pão de Açúcar, Big, e até outros, os 10 maiores, ninguém fala dos princípios. Esses supermercados têm pouca transparência em como eles fazem o controle da cadeia produtiva, quais são os protocolos e as referências que eles usam, que tipo de auditoria é feita, se alguma é feita. Pouquíssima informação sobre quem são os fornecedores, onde eles estão. Então, a gente de fato não consegue saber como esse risco de os produtos estejam contaminados por violações de direitos humanos graves em relação aos direitos humanos, se eles estão sendo de fato investigados, prevenidos ou se na verdade os produtos que estamos comprando vêm com trabalho escravo, conflitos por terras, violações de direitos. As empresas têm uma responsabilidade nas suas relações comerciais, de não deixar que violações aos direitos humanos ocorram, porque elas podem sim estar em cumplicidade caso elas se beneficiem. Eles dizem claramente que se você se beneficiar porque seu produto chega com preço mais barato, que isso é estar em cumplicidade com violações aos direitos humanos. Aqui no Brasil a gente vê o Ministério Público aplicando essa lógica.</p>
<p>Dani</p>	<p>Nós temos 3 exemplares do livro Donos do Mercado para sortear entre os ouvintes do É da Sua Conta.</p> <p>Para concorrer, faça uma selfie com um cartaz que demonstre a sua indignação com os abusos tributários cometidos pelo Carrefour e Pão de Açúcar.</p>

	<p>Poste no twitter ou facebook, marque o É da Sua Conta e o Prato Cheio com a hashtag #ChegadeAbusoTributario</p> <p>O Prato Cheio é o podcast que o João Peres e o Victor Matioli apresentam sobre segurança alimentar.</p> <p>O sorteio será em 10 de dezembro no twitter e_dasuaconta.</p> <p>Pra quem não puder acompanhar o sorteio, o resultado será divulgado na edição de dezembro do É da Sua Conta. Boa Sorte!</p>
<b>Grazi</b>	<p>Queremos agradecer o João Poletto e sua filha, Clarice Handa, por nos presentear com a paródia da música A casa do Vinicius de Moraes. A letra da paródia é dos autores do livro “Os donos do mercado”.</p>
<b>Luciano</b>	<p>Este programa é dedicado a João Alberto Silveira Freitas, cidadão negro assassinado por seguranças do Carrefour dentro de uma de suas lojas no Brasil às vésperas do Dia da Consciência Negra no país. Manifestamos nossa solidariedade à família do João Alberto e a todas as vítimas de violência racial.</p>
Grazi	<p>O É da Sua Conta de novembro de 2020 contou com a coordenação de Naomi Fowler e a produção de Daniela Stéfano, Luciano Máximo e minha, Grazielle David.</p> <p>Um abraço, desejando força para seguirmos enfrentando esse período e até o próximo que, desta vez, será duas semanas antes da última quinta-feira do mês, no dia 17 de dezembro!</p>
Dani	<p>Muita força, se estiver no Brasil fica em casa, e até o próximo.</p>

**Participantes desta edição:**

- Clair Hickman, [Instituto de Justiça Fiscal](#)
- Gustavo Ferroni, [Oxfam Brasil](#)
- João Peres, [O Joio e o Trigo](#)
- Júlio Cesar Benedito, [Sítio A Boa Terra](#)
- Nick Shaxson, Tax Justice Network
- [Victor Matioli, O Joio e o Trigo](#)

*Este episódio é dedicado a João Alberto Silveira Freitas e a todas as pessoas vítimas de crimes raciais.*

**Mais informações:**

Estudo do Instituto de Justiça Fiscal sobre evasão dos lucros no setor de mineração brasileiro para paraísos fiscais

Artigo Tenebrosas Transações, de Clair Hickman e João Carlos Loebens sobre envio de lucros a paraísos fiscais via preço de transferências.

Estudo "Hora de Mudar" da Oxfam

Princípios orientadores da ONU Empresas e Direitos Humanos